

Jornada do físico ilustre abaixo do Equador

Einstein, o viajante da relatividade na América do Sul

Alfredo Tiomno Tolmasquim

Rio de Janeiro, Vieira & Lent, 256 pp., R\$ 42



A viagem do físico alemão Albert Einstein (1879-1955) à América do Sul em 1925 não tem merecido a devida atenção dos estudiosos estrangeiros de sua vida e obra. Alguns biógrafos chegam a mencionar fatos incorretos e opiniões inverossímeis. Há, no entanto, excelentes artigos sobre essa visita em *Einstein e o Brasil*, organizado por Ildeu C. Moreira e Antônio Augusto P. Videira (editora UFRJ, 1995). Agora, o historiador e atual diretor do Museu de Astronomia e Ciências Afins (Mast/CNPq) Alfredo Tiomno Tolmasquim apresenta uma narrativa fartamente documentada sobre a visita em *Einstein, o viajante da relatividade na América do Sul*, com base em trabalho exaustivo de pesquisa e no diário de viagem de Einstein.

Há dúvidas quanto aos reais interesses de Einstein em aceitar o convite para visitar a América do Sul em detrimento de outros mais atraentes do ponto de vista científico. Afinal, como a ciência aqui era incipiente na época, não poderia esperar uma frutífera interação científica com físicos sul-americanos. O autor argumenta, como motivação de Eins-

tein, o seu envolvimento com a questão judaica e seu interesse em conhecer lugares, costumes e cultura de outros povos. Einstein proferiu palestras científicas na Argentina, Uruguai e Brasil, visitou instituições, foi recepcionado pela comunidade judaica e pela comunidade germânica, apelou pela paz e conciliação entre os povos, e falou sobre a necessidade da união dos judeus para a construção de uma universidade hebraica em Jerusalém. Além disso, participou de um intenso programa social, com visita a pontos turísticos, jantares oficiais e privados, inclusive saboreando pratos típicos. Foi muito assediado por jornalistas e alvo de manchetes e matérias nos principais jornais. Dirigentes de instituições de ensino, e membros da comunidade judaica e o público em geral se esforçaram para conhecer o “gênio da relatividade” – apesar de, em geral, não entender o significado de sua obra.

Tolmasquim retrata com rigor histórico o surgimento da comunidade judaica na América do Sul e as divergências entre as diferentes correntes acentuadas com a visita do mais notório e ilustre representante. É uma descoberta

interessante para o leitor que esperava encontrar apenas histórias sobre o cientista-mito e não o judeu-ilustre.

Ao final do livro encontra-se a tradução do inédito diário de viagem de Einstein com notas de rodapé esclarecedoras. As entradas consistem de impressões ligeiras e superficiais, algumas preconceituosas, revelando alternados estados de humor de Einstein. Ao final da visita de 50 dias ao Brasil, Argentina e Uruguai, Einstein assinala que se sentiu “finalmente livre, porém mais morto do que vivo”.

Há uma passagem do livro em que o leitor mais interessado nos aspectos científicos da visita de Einstein deve sentir uma ponta de frustração pela ausência de detalhes. Refiro-me especificamente à pouca ênfase dada à histórica apresentação de um trabalho original na Academia Brasileira de Ciências (ABC) em que Einstein tece considerações sobre

uma recente experiência visando comprovar a realidade dos *quanta* de luz. A breve menção, apesar da reprodução na íntegra do documento, me causou surpresa, uma vez que, sem dúvida, este foi o compromisso científico mais importante de Einstein em sua visita ao Brasil (ver 'Um manuscrito de Einstein no Brasil' em *CH* n° 124).

Ao contrário das viagens anteriores em que a teoria da relatividade foi sempre o foco de todas as atenções, Einstein fez uma comparação direta (talvez única) de sua teoria corpuscular da luz com uma teoria de radiação proposta pouco antes na explicação de espalhamento dos raios X pela matéria. O reconhecimento de Einstein de que o conceito de fóton (nome moderno do *quantum* de luz) ainda era alvo de controvérsias 20 anos após a sua proposição não é mencionado nas mais celebradas biografias. Outra ausência notada foi uma menção ao trabalho de Theodoro Ramos de 1923, resultado da primeira pesquisa original de um cientista brasileiro sobre o efeito da teoria da relatividade geral no espectro do hidrogênio.

Em suma, o livro é uma importante contribuição à história da física no Brasil e deve interessar não apenas a cientistas e estudantes em geral, mas em especial ao público leigo interessado em descobrir outras facetas pessoais do mais ilustre cientista do século 20.

Nelson Studart

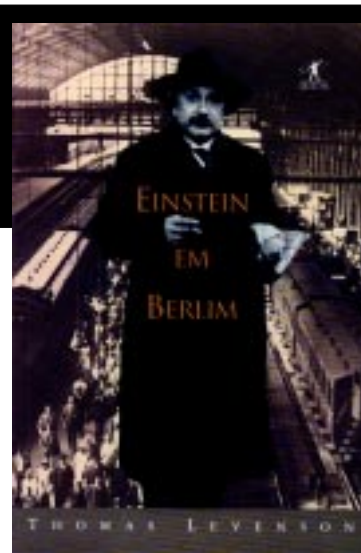
Departamento de Física,
Universidade Federal
de São Carlos

Uma Berlim maior que Einstein

Einstein em Berlim

Thomas Levenson

Rio de Janeiro, *Objetiva*, 531 pp.,
R\$ 68,90 (preço médio)



Em geral, livros sobre Einstein chegam a ser sufocantes de tão centrados no personagem central. Nada mais normal quando se escreve sobre o homem que foi eleito 'a' personalidade do século passado pela revista *Time* e que, a partir de 1919, quando sua teoria da relatividade geral foi comprovada historicamente, passa a ser, pelos próximos 36 anos, perseguido com voracidade pela imprensa.

Assim, ao se ler suas biografias, a impressão que se tem é que a vida e obra do protagonista, pela riqueza de conteúdo, não deixa quase espaço para o pano de fundo, o contexto histórico. E, assim, a espessura das biografias acaba sendo gasta para tentar explicar ao leitor dezenas de trabalhos científicos – Einstein produziu cerca de 300 ao todo –, bem como suas incontáveis incursões fora da arena científica.

Porém, Thomas Levenson parece ter optado por um viés diferente. Em seu livro, Einstein é quase mais um personagem – o principal, obviamente. Fica, então, a impressão – e isso é interessante – de que o foco está em outros elementos que, ao longo da obra, se tornam maiores que o

'biografado'. A saber: Berlim em seu auge; a desastrosa Primeira Guerra Mundial; as crises financeiras, a fome e a inflação que se seguiram com a humilhante derrota alemã; os inovadores movimentos culturais da cidade; e, finalmente, a horripilante ascensão do nazismo. Não bastasse isso, Einstein tem que enfrentar a concorrência de outras celebridades das ciências, das artes e da política. Por exemplo: Planck, Freud, Grosz e Hitler.

Levenson impressiona no quesito detalhes e pesquisa histórica – basta uma passada de olhos na parte de notas, ao final. Também foi feliz na escolha do chamado corte histórico. Fica a dúvida se percebeu aí um filão, pois, por algum motivo estranho a este resenhista, o período berlinense de Einstein, de 1914 a 1932, nunca foi tratado com muito afinco pelos biógrafos. Talvez pelo fato de implicar um mergulho profun-

do em uma Berlim tumultuada, que, por sinal, se transformou em um tipo de capital mundial das fantasias sexuais na década de 1920.

Fica, assim, um aviso ao leitor incauto que queira se refestelar com uma biografia detalhada de Einstein. Ou com um relato intricado de sua obra científica. É improvável que ao ler *Einstein em Berlim* ele vá se decepcionar com esses dois itens, mas esse não parece ser o alvo de Levenson, um documentarista que escreve com impressionante desenvoltura, o que torna a leitura fluida e agradável.

Em resumo: Einstein é 'apenas' o principal personagem. Berlim está – de certa forma, merecidamente – bem maior que o maior cientista do século passado ou de todos os tempos.

Poucos detalhes devem ser corrigidos para a segunda edição. Eis alguns: a segunda mulher de Einstein, Elsa – que, por sinal, não veio à América Latina em 1925 (p. 369) – só teve duas filhas e não três (p. 37); Hans Albert, o primeiro filho de Einstein, tinha 10 anos de idade em 1914, e não 12 (p. 17).

Quem disser que são picuinhas acertará. Não chegam nem a arranhar um trabalho de tamanho brilho.

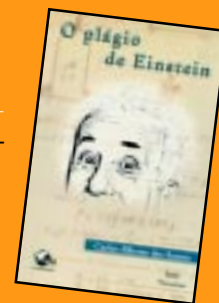
Cássio Leite Vieira
Ciência Hoje/RJ

O plágio de Einstein

Carlos Alberto dos Santos

Porto Alegre, WS editor, 102 pp., R\$ 19

Em 1905, Albert Einstein publicou cinco trabalhos que revolucionaram a física e lhe valeram o prêmio Nobel de 1921. Um deles apresenta a famosa equação $E=mc$. Porém, uma suspeita sobre a real autoria da teoria que o levou à formulação da equação foi levantada no início dos anos 60 pelo historiador Davert Stachmann. Membro da equipe responsável pela edição dos *Collected papers* do cientista, Stachmann descobriu que um físico italiano até então desconhecido, Olinto de Pretto, havia publicado um artigo com a famosa equação dois anos antes do próprio Einstein. A apreensão dos historiadores envolvidos durante a apuração dessa informação até a confirmação de que se tratava de uma fraude é relatada neste livro de Carlos Alberto dos Santos, físico da Universidade Federal do Rio Grande do Sul, em uma narrativa instigante.

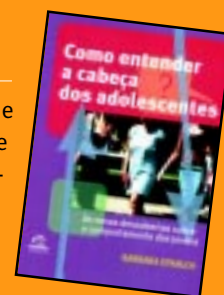


Como entender a cabeça dos adolescentes

Barbara Strauch

São Paulo, Campus, 256 pp., de R\$ 45 por R\$ 22,90

O comportamento dos adolescentes sempre foi um grande problema para os pais. Se em um momento eles estão calmos e carinhosos, em outro podem ser extremamente agressivos. Essa constante mudança de humor que acontece nessa fase da vida era atribuída exclusivamente aos hormônios. No entanto, pesquisas recentes apontam outro caminho: o grande responsável por essas variações seria o cérebro. As teorias mais antigas diziam que o cérebro terminava seu desenvolvimento com o fim da infância, mas neurocientistas demonstraram que o cérebro adolescente vive em intensa atividade. Barbara Strauch, editora de medicina e saúde do jornal *The New York Times*, estudou as novas descobertas e fez diversas entrevistas com adolescentes e suas famílias. Neste livro, ela explica em linguagem simples e bem humorada o que se passa na cabeça dos jovens e o que os pais podem fazer para conviver da melhor forma com as mudanças que acontecem com seus filhos.



Conversas com tradutores – balanços e perspectivas da tradução

Ivone C. Benedetti e Adail Sobral (org.)

São Paulo, Parábola, 216 pp., R\$ 25

O livro propõe uma discussão prática e teórica sobre a atividade da tradução ao publicar 19 entrevistas realizadas com tradutores de textos (literários e técnicos) dubladores de filmes, intérpretes de conferências, lingüistas, entre outros profissionais da área. Quais são as suas ferramentas? Qual o grau de interferência na obra original? Como contemplar as diferenças culturais e lingüísticas dos textos, sem distorcer os sentidos originais de cada expressão traduzida? Como sobreviver no mercado editorial? Essas são algumas das questões que abordam o fascínio e o risco do ofício e norteiam tanto as entrevistas quanto as considerações realizadas pelos tradutores Ivone Benedetti e Adail Sobral no prefácio e no posfácio, respectivamente. Neles, os organizadores traçam um panorama da profissão e dialogam com as respostas dos entrevistados, enriquecendo o trabalho que deve despertar o interesse de lingüistas, tradutores, escritores e de leitores e espectadores que consomem obras produzidas em língua estrangeira.

